

## PRINCÍPIOS CONCEITUAIS DE MASCULINIDADES – POSSIBILIDADES E APRENDIZAGENS.

Júlio César Mendes Fontes.

*Cead/UFOP.*

### **Resumo**

Este trabalho de cunho teórico e bibliográfico tem como objetivo demonstrar as possibilidades e as aprendizagens realizadas por alguns autores sobre a dimensão que perpassa o conceito de masculinidades. Tentar compreender como diferentes abordagens e percursos traçados pela constituição teórica de uma dimensão relevante de práticas sociais, como as masculinidades, torna relevante na percepção das ações dos sujeitos, os homens, nos diferentes espaços e contextos de aprendizagens e interações. Assim, as masculinidades são formas de estar em diversos e diferentes ambiente sociais, constituindo e mobilizando pessoas, corpos, contatos, movimentos, percepções, vivências entre homens no sentido de formar identidades e sujeitos.

**Palavras-chave:** Masculinidades, masculinidades e aprendizagens, homens.

### Introdução.

O reconhecimento de que ainda são poucos os trabalhos que se dedicam a examinar a masculinidade é ressaltado por Cecchetto (2004) como uma característica da constituição do campo do gênero. A partir de um contexto bibliográfico, este trabalho se fundamenta na perspectiva conceitual de masculinidades (CONNELL, 1995; WELZER – LANG, 2004; OLIVEIRA, 2004, PAECHTER, 2009, 2006), no propósito de dar visibilidade e amplitude a compreensão ao conceito e as possíveis relações para futuras pesquisas empíricas. Tentar compreender como diferentes abordagens e percursos traçados pela constituição teórica de uma dimensão relevante de práticas sociais, como as masculinidades, torna relevante na percepção das ações dos sujeitos, os homens, nos diferentes espaços e contextos de aprendizagens e interações.

De acordo com Oliveira (2004), pesquisar e escrever sobre homens e masculinidades não seria algo novo ou inusitado. Os homens sempre foram objeto das pesquisas em ciências sociais: nos estudos sobre classes trabalhadoras, gangues, papéis sexuais e a família, a sexualidade e identidade, entre outros. No entanto, dava – se pouca importância no trato que possuíam como tema enquanto tópico do debate acadêmico.

Para Gutmann (1999, p.246), a antropologia analisa a masculinidade entendendo “os homens como sujeitos de gênero”. Nesta possibilidade, há pelo menos quatro maneiras distintas de utilizar o conceito de masculinidade e as noções relativas a identidade masculina, virilidade e papéis masculinos: por definição, é qualquer coisa que os homens pensam e fazem; seria tudo que pensam e fazem para serem homens; que alguns homens, por natureza ou filiação são considerados "mais

homens" que outros homens; e, enfatiza a importância central das relações masculino – feminino, de tal maneira que a masculinidade é qualquer instância que não esteja relacionada ao mundo feminino. Nos estudos contemporâneos da masculinidade, segundo Gutmann (1999), as revisões teóricas se ocupam de temas mais amplos que relacionam os homens e a virilidade, tais como: a divisão do trabalho, os laços familiares, de parentesco e de amizade; as fissuras corporais, e, as lutas de poder. Entre estes aspectos destaca - se que nas discussões sobre as amizades masculinas a “*criação de vínculos masculinos*” – termo utilizado por um antropólogo inglês – para explicar que os homens necessitam de alguns lugares e/ou ocasiões nas quais a permanência das mulheres não seja conveniente. Assim, “*criação de vínculos masculinos*”, se trata de impulsos inerentes aos homens (em diferença às mulheres) com os quais os sujeitos demonstram solidariedade. E, que os *vínculos masculinos* são “traços desenvolvidos ao longo de milhares de anos, um processo biológico conectado (...) com o estabelecimento de alianças necessárias para a defesa do grupo” (GUTMANN, 1999, p.256).

Os homens passaram a ser incluídos como uma categoria empírica a ser investigada, favorecidos por uma abordagem que se concentra mais na estrutura social do que nos indivíduos e seus papéis sociais. Para Cecchetto (2004, p.53), os “papéis sexuais” foram objetos de críticas pelo caráter funcionalista e por conceber o gênero de modo dicotômico (masculino - feminino). Esses “papéis sexuais” estariam ligados a “valores e atitudes socialmente determinados, correspondentes às representações e expectativas do ser homem e do ser mulher em todas as sociedades”, sem deixar de interagir e conceber que estas situações são permeadas por elementos de classe, poder e etnicidade, que estruturam as relações sociais. Como forma de reconstruir o argumento e traçar novos rumos às ideias sobre a masculinidade, compreender “as experiências concretas dos homens e suas práticas possíveis” se torna essencial. Esta estrutura busca romper com o falso universalismo dos “papéis sexuais”, que impossibilitava o entendimento das maneiras como esses papéis se modificavam, assim como a construção e a negociação dos significados dependendo do contexto de atuação e interação dos sujeitos, nos quais, há uma diversidade de estilos ou tipos de masculinidade, cada um correspondendo a diferentes inserções dos homens em diferentes áreas do conhecimento (CECCHETTO, 2004).

Perspectivas e conceitos das masculinidades.

“Configuração de práticas”, “casa-dos-homens”, “vivências interacionais de masculinidade”, “comunidade de prática de masculinidade”, perspectivas que demonstram a dinâmica do aprendizado das masculinidades entre os sujeitos nas interações cotidianas das práticas de aprendizagem. Estas práticas e seus significados podem ser tomados como eixos norteadores nas investigações que compõem o que seja “ser homem” nos contextos sociais.

Oliveira (2004) traz uma narrativa densa sobre o constructo desta temática numa perspectiva de sua origem social, na modernidade e numa suposta pós-modernidade. O autor procura entender como e por que as masculinidades apresentam como lugares simbólico/imaginário fundamentado e constituído em valores sociais, na manutenção e reprodução de ações e vivências. E, ainda, entender o porquê as masculinidades funcionam como “uma lei que prescreve comportamentos”.

Na pós-modernidade, “as *vivências interacionais de masculinidade*” é o ponto fundamental que o lugar simbólico é (re)produzido como lugar imaginário num processo de recursividade continua. Ele abrange um amplo aspecto de atividades. Neste espaço, manter a imagem masculina corresponde a passar por situações de perigo e mesmo arriscar a vida. “*Vivências*” são experiências, situações, modos ou hábitos, que na perspectiva das *interações da masculinidade* são relações realizadas, aprendidas, ensinadas, dialogadas, combatidas em processos nas interações com os sujeitos no movimento de aprendizagem, ou significação social de identidades.

As “*vivências*” pensadas sob a forma de interação significam que cada movimento é marcado por correntes de vivências que se influenciam. Cada vivência é singular e justificada através da convivência, do outro e com o outro, deve se o homem ser percebido e reconhecido pelos contatos e confrontos com outros homens. Numa listas de atos, atividades, situações distintas e isoladas as *vivências interacionais de masculinidade*, experimentadas desde a infância até a velhice, expressam valores, afetam e influenciam outras vivências, num processo de configuração da identidade subjetiva e na manutenção do valor simbólico que avaliza tais experiências. Qualquer vivência é um “compósito complexo de sentimentos” aglutinadores e devastadores dos sujeitos, em que podem estar presentes situações de “êxtase, atividade, passividade, insegurança, indiferença, entusiasmo e até mesmo cinismo entre outros, juntamente com fantasias, lembranças, intuições, percepções e outros tipos de cogitação”. (OLIVEIRA, 2004, p. 261-262).

Welzer – Lang (2001) explora em seu trabalho, as relações sociais de sexo transversais ao conjunto de pessoas e *grupos de gêneros*. Na construção/constituição do masculino, o autor nomeia o conjunto de lugares e espaços nos quais se aprende e compreende as masculinidades como “*casa – dos – homens*”. Nestes espaços, a homosociabilidade pode ser experienciada através dos grupos

de pares. As formas de aprendizagem que os iniciantes aprendem com os mais experientes mostram, corrigem e modelam os que buscam acesso as condições de acesso e permanência numa configuração de masculino. Introduzido ao contexto de aprendizagem e permanecendo no mesmo, cada homem se torna ao mesmo tempo iniciado e iniciador dos princípios de masculinidades da “*casa – dos – homens*”, aprendendo a respeitar códigos, ritos e regras. Aprender a estar com os homens, é aprender a sofrer para ser um deles e aceitar a lei dos maiores. Nas iniciações dos meninos, como por exemplo, nas primeiras aprendizagens esportivas, em algumas vivências obriga – se os meninos a “aceitar” a lei dos maiores, dos mais experientes, “daqueles que lhe ensinam as regras e o *savoir-faire*, o saber ser homem” (WELZER – LANG, 2001, p. 463). “Aceitar” é aprender, é incorporar gestos, movimentos, reações masculinas, todo um capital de atitudes que contribuirão para se tornar um homem.

“*Configurações de prática*” é o movimento utilizado por Connell (1995) de pensar a masculinidade, no propósito de compreender *configuração* naquilo que as pessoas (os homens) fazem, não no que se espera ou imagina que os sujeitos devem realizar, sem que haja limite para os tipo de prática envolvidas. O autor avança nas questões que tratam o masculino enquanto papel sexual, análise empobrecida por não permitir ver e rever as complexidades e as várias formas de masculinidade, referindo-se ao papel sexual como um conceito obsoleto, pois não permite dentro de sua dinâmica perspectivas de mudanças. Para Connell(1995), as práticas significam ação com racionalidade e significado histórico para os sujeitos. Conjugando estes valores, a masculinidade, tem a ver com a posição dos homens nas relações sociais e também se refere aos corpos. Neste sentido, revela – se que: diferentes masculinidades são produzidas no mesmo contexto social, as relações de gênero incluem relações entre homens, relações de dominação, marginalização e cumplicidade, formas hegemônica de masculinidade tem outras masculinidades agrupadas em torno dela; e qualquer forma particular de masculinidade é, ela própria, internamente complexa e até mesmo contraditória. Portanto, a constituição da masculinidade é um processo social, dinâmico, relacional, variável. E, que sendo “uma estrutura contraditória”, torna-se “possível sua dinâmica histórica e impede que a história do gênero seja um eterno e repetitivo ciclo das mesmas e imutáveis categorias”. (CONNELL, 1995, p.189)

Cecchetto (2004) nos chama a atenção sobre as contribuições teóricas de Connell (1995) que examinar as relações entre as masculinidades fornece um esquema de referência através do qual é possível analisar masculinidades específicas, sem cair em tipos fixos como “masculinidade negra”

ou “masculinidades das classes populares”, mas entendê-las como *configurações* específicas de *práticas* constituídas e construídas em situações próprias.

As sociedades se constituem e constroem pelas relações envolvidas entre os sujeitos nos diferentes contextos sociais. Como possibilidade de compreender as relações humanas, as aprendizagens que envolvem as interações sociais, em especial, sobre a dimensão das identidades de gênero, Lipset (2009, p. 60) nos lembra que “o que distingue homens de mulheres não são apêndices e orifícios, mas as relações sociais em cujos contextos eles são ativados. A diferença (...) envolve interações, não atributos”. Isto demonstra que os corpos em suas dimensões de gênero não pertencem às pessoas, mas são compostos das relações das quais uma pessoa é composta. Portanto, “a atividade social é a dissolução de entidades completas” (Strathern, 1997, p.41).

O processo que envolve o aprendizado e a construção/constituição de masculinidades e feminilidades nos muitos contextos sociais em que as pessoas vivem, é um empreendimento coletivo levado adiante por e em diversos grupos sociais. Paechter (2009) em sua narrativa traz elementos relevantes do aprendizado da masculinidade tendo como pano de fundo para sua construção teórica as contribuições de Lave e Wenger (2003). As aprendizagens relacionadas a ser homem ou mulher ocorrem em *comunidades de prática*. são “descrições de comportamentos e de atributos relacionados às concepções dominantes de masculinidade e da feminilidade, mas destituídas de preconceito quando relacionados com ou assumidas por homens ou mulheres reais”. A masculinidade é algo que se aprende, que é constantemente mostrado, (re)produzido e (re)configurado, além de ser encenado entre todos os sujeitos envolvidos nas práticas sociais. Portanto, evidencia “não apenas o que somos, mas o que fazemos, como nos apresentamos, como pensamos sobre nós próprios em tempos diversos e lugares específicos”, o que corrobora com as concepções de Kimmel (1998) no sentido de que a masculinidade exige constantes momentos de comprovação das atitudes dos sujeitos. Assim, permanecer dentro de uma *comunidade de prática* de masculinidades, as pessoas devem regular suas performances de forma a sintonizarem com os princípios daquela comunidade (PAECHTER, 2009, 2006).

Paechter (2009) ressalta que a constituição de masculinidades são construídas e mantidas por características locais, superpostas e sem demarcações rígidas das e nas *comunidades de prática*, o que fica bem arquitetado nas proposições a seguir:

- 1- Esta configuração ajuda na compreensão da relação complexa entre a abordagem teórica sobre gênero (masculino e feminino) como algo que é encenado e a real multiplicidade dessas performances em seus contextos sociais, pensar em *comunidades de prática* adquire

uma vantagem no tratamento das performances específicas e de sua significação. Mas também, nessa abordagem, enfocam-se os processos de constante (re)construção por que passa a própria comunidade, da qual os indivíduos aprendem a participar e a se tornarem membros plenos.

- 2- A concepção de masculinidade constituída dentro da *comunidade de prática* concebe a identidade como a experiência negociada do sujeito, algo produzido em um contexto social. Portanto, a identidade é, entendida por meio das práticas em que as pessoas se inserem, incluindo aquelas envolvidas na construção e na performance de determinadas masculinidades.
- 3- Essa abordagem trata das masculinidades como fundamentalmente relacionais; as fronteiras, os entendimentos e as normas do grupo são desenvolvidos tanto em relação aos indivíduos que estão dentro quanto àqueles que estão fora do grupo, especialmente por meio de atividades em torno da periferia.
- 4- A importância dada a identidade como multipertencimento ao se tratar de masculinidades como *comunidades de práticas*, o que torna a natureza da identidade múltipla.
- 5- Essa abordagem permite que haja fronteiras fluídas e em constantes mudanças entre as diferentes masculinidades. Isso significa que os indivíduos não precisam se comprometer com um único modo de ser; podem aceitar ou encenar diversas masculinidades em diferentes lugares e tempos. E também, permite compreender como é possível que as pessoas concebam e experienciem a si próprias diferentemente em situações distintas ao apontar modos como performances semelhantes podem ser interpretadas diferentemente conforme o contexto.
- 6- Entender masculinidade como *comunidades de práticas* nos ajuda a compreender por que configurações sociais de gênero são tão resistentes a mudanças. As *comunidades de prática* organizadas em torno de algo que seja fundamental para a identidade quanto a masculinidade tenderão a preservar o *status quo*, mantendo e produzindo práticas e divisões de gênero tradicionais.

Paechter (2009) mostra quatro pressupostos centrais na compreensão das aprendizagens das masculinidades em *comunidades de prática*. Primeiramente, a participação legitimada, ou seja, ser um sujeito legitimado em uma *comunidade de prática* de masculinidade significava ter o direito de participar em uma *comunidade de prática*, conforme sua posição na comunidade e em relação à prática. No caso das crianças em *comunidades de prática* de masculinidade, embora a participação e

a compreensão delas como membros sejam permitidos, ainda que limitadas, sua posição se tornaria periférica e subordinada. Segundo, as formas do corpo, conferido inicialmente nas *comunidades de prática*, poderia ser considerado um marcador reificado de pertencimento a um determinado grupo social, ou seja, os sujeitos através do processo de conhecimento de masculinidades apropriavam de práticas/atividades e as utilizavam para dar significado ao pertencimento a uma determinada comunidade. Em se tratando de *comunidades infantis de prática* de masculinidade, ao corpo haviam regras rígidas sobre o que era permitido ou não aos meninos, que no caso dos adultos poderiam ser verificados através de outros marcadores de masculinidade como, por exemplo, a evidência de características sexuais secundárias. O terceiro pressuposto recai sobre o controle da prática, esta é o que define a comunidade como um grupo de pessoas que fazem coisas de maneira particular. Práticas compartilhadas mantêm a comunidade unida e viabilizam o reconhecimento mútuo. Aprender a prática de uma comunidade é aprender a ser, é aprender sobre a própria identidade e como encená-la, sendo este movimento crucial para a legitimidade e para a participação plena. E, finalmente, a manutenção das fronteiras entre as comunidades de prática de masculinidade. Segundo a autora, é necessário haver as fronteiras entre o que faz parte da prática do grupo e o que não faz. Por isto, os sujeitos com participação legitimada (adultos ou crianças com mais experiências nas atividades coletivas) tem de conferir o status da participação periférica a outros indivíduos.

A natureza das práticas de masculinidade dentro de qualquer grupo em particular demanda o processo de controle permanente e contínuo dos membros do grupo. Tanto para situarem suas identidades dentro de uma comunidade de prática de masculinidade, quanto para assim, serem reconhecidos pelos outros membros e por estrangeiros, os participantes precisam assegurar de que seu comportamento é consoante às normas do grupo. Em comunidades de prática infantis a transgressão pode levar à expulsão do grupo, à perifericidade mútua (bem recebida por alguns indivíduos, mas altamente problemática para outros) ou ainda a ataques físicos (PAECHTER, 2009) Portanto, dentro de um contexto teórico os estudos de masculinidade mostram a relevância do trato com esta construção e prática social para além da dimensão biológica do ser homens na sociedade. Perpassa através das relações sociais, dos contatos, das vivências entre as pessoas, os homens e forma, modifica as interações humanas e cotidianas do ser, estar, compartilhar os aprendizados de masculinidades.

## REFERÊNCIAS.

- CECCHETTO, F. Violência e Estilos de Masculinidade no Rio de Janeiro. 1. ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004. v. 1.
- CONNELL, R. Políticas da masculinidade. *Educação & Realidade*, v. 20, n. 2, p. 185-206, 1995a.
- GUTMANN, M. C. Traficando con hombres: la antropología de la masculinidad. *Horizonte antropológico*. Porto Alegre, v. 5, n. 10, p. 245-286, Maio 1999.
- KIMMEL, M. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 4, n. 9, p. 103-117, out. 1998.
- LAVE, J. WENGER, E. Aprendizaje situado: participación periférica legítima. Universidade Autónoma do México. 2003.
- LIPET, D. O que faz um homem? Relendo Naven e The Gender of the Gift. *Cadernos Pagu* 33, julho – dezembro de 2009, p. 57 – 81.
- OLIVEIRA, P. P. A construção social da masculinidade. Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.
- PAECHTER, C. Meninos e meninas: aprendendo sobre masculinidades e feminilidades. Porto Alegre: ARTMED, 2009.
- PAECHTER, C. Learning masculinities and femininities: power/knowledge and legitimate peripheral participation. *Women's Studies International Forum* v.26 n 6, p. 541 – 552. 2006.
- STRATHERN, M. Entre uma melanesiana e uma feminista. In: *Cadernos Pagu*. Campinas, 1997. (8/9) p. 7 – 49.
- WELZER LANG, D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Estudos Feministas*. Ano 9 2001.